

## REPRESENTAÇÕES DE UM CAVALEIRO

Maria aparecida Conti UFU/FAPEMIG

### Introdução

Tomando como pressuposto central a questão da representação, neste estudo pretendemos traçar uma discussão acerca deste conceito focalizando a personagem Dom Chico Chicote presente na segunda fase da microssérie “Hoje é dia de Maria”, apresentada pela Rede Globo de televisão em outubro de 2005.

Nosso objetivo é problematizar o emprego deste conceito na Análise do Discurso francesa, tal como a estudam. Utilizaremos o texto do roteiro de Carlos Alberto Soffredini adaptado por Luís Alberto de Abreu e Luis Fernando de Carvalho e também aspectos cênicos da série publicados em DVDs. Para atingir nosso propósito faremos um percurso histórico sobre os estudos acerca da conceituação mencionada.

Finalmente, levando-se em conta que desde o princípio vivemos num mundo de histórias que nos são constantemente contadas e que contamos a nós mesmos e, que as histórias de romances, parábolas, ilustrações, anedotas, novelas, filmes, etc., fazem parte da humanidade, pensamos em pesquisar os dispositivos que usamos para criar representações simbólicas que encapsulam as experiências de vida que explicam o mundo por meio das observações direcionadas à personagem Dom Chico Chicote.

### 1 Fundamentação teórica

A herança grega que predomina na cultura ocidental provém da filosofia socrática que se estabeleceu entre dois pilares rivais e complementares: Platão e Aristóteles. Platão, discípulo de Sócrates e Aristóteles, discípulo de Platão. Os dois prolongarão o esforço socrático visando ao reencontro da unidade pela convergência dos sentidos humanos uma vez que “a retórica e a sofística gregas confirmam que o mundo onde vivemos é um mundo de linguagem, que o homem hábil pode constituir à sua vontade, para criar ilusão nos outros” (GUSDORF, G. s.d. p. 23). Deles nos vêm a maioria dos nossos questionamentos sobre como apreendemos as coisas do mundo e como as representamos. Platão fala de representação presente de uma coisa ausente; Aristóteles, por sua vez, fala de uma coisa anteriormente percebida, adquirida ou aprendida preconizando a inclusão da questão imagética na/da lembrança (RICOEUR, 2007). Nesse ínterim a opinião socrática ecoa: A linguagem humana é entendida como uma ferramenta, para entender a realidade.

Borges Neto (2004) oferece duas opções de classificação para o estudo da linguagem antes do século XIX. São elas: nocional e filológica. Ocuparemos-nos da noção nocional por ser a noção que se ocupa da linguagem a partir das relações do som com o sentido. Além disso, possui fundamentação lógico-filosófica e concebe a linguagem como representação (do mundo ou do pensamento). Interessamos trabalhar com essa noção, principalmente por ela concentrar-se na função representativa universal da linguagem e nos elementos que a tornam possível. Portanto, buscaremos na Grécia Clássica os fundamentos necessários para iniciarmos o assunto que pretendemos desenvolver.

O estudo da linguagem na Grécia antiga pode ser visto como constituído de três períodos principais: **o que se iniciou com os filósofos pré-socráticos** e os primeiros retóricos, e continuou com Sócrates, Platão e Aristóteles; **o período dos estoicos** e **o período dos alexandrinos**.

Para os gregos clássicos da história antiga, a pergunta fundamental no que tangia ao conhecimento da linguagem era saber se a conexão entre as palavras e o que elas denotavam vinha da natureza (*phýsei*), ou era imposição da convenção (*thései*). Dois aspectos estão implicados nessa questão: qual a natureza da relação entre as palavras e o que elas denotam e como esta relação surgiu, qual seria a origem das palavras? O *Crátilo*, de Platão discute essas questões.

Se entre as palavras e coisas a conexão não era direta, e sim, indireta, ainda não estava determinada a natureza das relações. É Aristóteles quem delineia um processo tríade para explicar como e porque as palavras e as coisas se relacionam: os signos falados são representados pelos signos escritos; os signos falados representam impressões na alma e as impressões na alma são a aparência das coisas reais. Para Aristóteles as impressões e as coisas são idênticas para todas as pessoas,

diferentemente das palavras que representam as interpretações. Ou seja, “*A fala é a representação das experiências da mente e a escrita é a representação da fala*” (ROBINS, 1979, p.15). Ante a dificuldade apresentada pelo esquema de Aristóteles, os estóicos e outros estudiosos acrescentaram o *conceito* como mais uma etapa entre a recepção passiva da impressão e a fala. Dessa forma, mesmo que todos os homens recebam as mesmas impressões das coisas existentes no mundo e por eles percebidas, os conceitos que eles formam dessas impressões são diferentes e é assim que estão representados na fala.

Primeiramente os filósofos olhavam para um enunciado significativo (lógus) para analisar a veracidade ou falsidade de uma proposição. Com o decorrer do tempo e das descobertas que foram fazendo a respeito da linguagem, os filósofos passaram a olhar as partes do discurso para verificar em que parte da proposição residia sua verdade ou falsidade. Por ter como foco os constituintes semânticos do enunciado, Aristóteles é tido como precursor da teoria da sentença conhecida como teoria aristotélica que se encontra exposta, claramente, na Lógica de Port Royal (século XVII) e presentes em gramáticas influenciadas pelos lógicos franceses.

Convém salientar que o caráter natural da língua defendido pelos anomalistas não corresponde apenas ao que se diz no sentido da capacidade natural que o homem tem para criar uma língua; o que resultaria em um produto artificial. Não é deste potencial natural de criar a língua, que os defensores da língua como expressão natural dizem. É sobre a relação natural entre a língua e os objetos expressos que eles tratam. Para os anomalistas, tanto a pintura quanto a escultura expressam naturalmente objetos, porque apelam a uma *mimese* natural entre as cores e as formas da expressão e as cores e as formas do objeto. Pensando dessa forma, a mesma relação natural entre a língua e os objetos expressos aconteceria.

Segundo Lobato (1986), no período dos alexandrinos<sup>1</sup> encontramos uma preocupação com a língua em seu aspecto literário, diferentemente dos períodos anteriores (escola clássica e escola estóica) que tinham preocupação lógico-filosófica com a linguagem. Dois fatores fundamentaram essa decisão: tornar acessível a obra de Homero e incentivar o uso correto da língua, tanto na pronúncia quanto na gramática, com o propósito de preservar o grego clássico de corrupções.

No século II a. C., os romanos incorporaram a Grécia a seus domínios. Desde então a cultura grega passou a ser fortemente valorizada pela elite romana que se dedicou, inclusive, a aprender a língua e a literatura grega.

Depois da queda do império romano (476 d.C), muitas certezas caíram por terra, mas a crença de que a língua latina era a língua que podia representar poder e sabedoria (como outrora fora o grego, na Grécia) prevalecia.

A partir dos episódios que desestabilizaram a organização do mundo romano juntamente com o colapso das autoridades, os costumes pagãos contribuíram para que o cristianismo se fortalecesse e a igreja se tornasse o abrigo e o lugar onde o saber e a educação eram estimulados.

O italiano Tomás de Aquino<sup>2</sup>, professor teólogo e filósofo, inspira-se na abstração de Aristóteles e afirma que “a idéia teve sua origem na realidade sensível – onde ela já existe em potência – graças ao intelecto que a atualiza” (DUROZOL; ROUSSEL, 1993, p. 469). Seu posicionamento contribui para que a segunda parte da Idade Média tenha sido muito significativa, pois foi nesse período que a filosofia da escolástica ocupou lugar de destaque e frutificou. Foram as gramáticas especulativas (derivada do latim *speculum*, que significa espelho) que impulsionaram o estudo da linguagem nesse período.

As gramáticas especulativas seguem as concepções aristotélica (língua pensamento e realidade). Retomam o debate sobre a relação entre linguagem e pensamento, renovando os estudos gramaticais imprimindo-lhe o caráter de língua como espelho da organização do raciocínio. Nessa lógica, as diferenças entre as línguas são circunstanciais e acidentais. De caráter universal, essa visão preconiza que todas as línguas consistiriam em um sistema fixo e comum de categorias lingüísticas que seriam categorias do pensamento.

Com base na dualidade forma e matéria, alguns lógicos e gramáticos estabeleceram adicionalmente diferença entre suposição formal e suposição material. Na suposição formal a palavra representa uma coisa, pessoa, etc. fazendo parte do que mais tarde os lógicos chamaram linguagem-objeto ou linguagem de primeira ordem. Na suposição material a palavra representa a si mesma, situando-se no plano de uma metalinguagem ou linguagem de segunda ordem. (ROBINS, 1979, p. 61).

<sup>1</sup> Essa denominação é justificada pelo fato de que esses estudiosos desenvolveram seus estudos na colônia grega de Alexandria, onde, no séc. III a.C., floresceu um grande centro de estudos literários e lingüísticos

<sup>2</sup> São Tomás de Aquino (1225-1274)

Essa concepção perdurou por um longo período. Para Koyré (2001), enquanto a visão de mundo era estabelecida em uma visão teocêntrica, o homem, almejando alcançar a outra vida (a melhor vida) no céu, o mundo era finito, Deus, infinito e a terra, o centro do universo. As descobertas astronômicas e de outras terras, a invenção do telescópio e de outros objetos que auxiliavam o homem a redimensionar seu pensamento contribuíram para modificar-lhe a visão que, desde os filósofos da antiga Grécia, havia elaborado acerca do mundo, em especial a visão do homem ocidental. Descentralizados, homem e terra, a humanidade busca apoiar-se em outras formas de organização de mundo e o homem pesquisador (de Cusa, Copérnico, Galileu, Giordano Bruno entre outros) enfrenta a inquisição que, em nome de Deus, desabonava qualquer expressão que colocasse o pré-estabelecido dogmaticamente, até então, em dúvida.

A partir das informações que desestabilizaram a organização do mundo, o homem parte para a formulação de novos conceitos sobre o mundo e a vida; e a questão da linguagem ganha uma nova dimensão.

Com os olhos voltados para o debate entre empiristas<sup>3</sup> e racionalistas<sup>4</sup> nos séculos XVI, XVII e XVIII o tratamento filosófico para os problemas lingüísticos dividiu-se entre os primeiros, que consideravam a observação na origem de todo conhecimento e o valor da indução diante da dedução e os segundos, que admitiam ser a mente a sede base de todo conhecimento humano.

Pensava-se que a criação de um sistema simbólico bem elaborado, sem falhas, possibilitaria que todo o conhecimento humano pudesse ser classificado e reduzido a um quadro ordenado. Tal pretensão é proveniente da confiança que o homem renascentista adquiriu em si mesmo e em seu potencial racional e também ao grande desenvolvimento das ciências empíricas e matematizáveis.

Descartes dá as coordenadas desse jogo no *Discurso do Método*. A língua universal autêntica, a língua da razão expressará as idéias verdadeiras, não as coisas.

É o pensamento clássico excluindo a semelhança como experiência fundamental e forma primeira do saber, denunciando nela um misto confuso que cumpre analisar em termos de identidade e de diferenças, de medidas e de ordem. Se Descartes recusa a semelhança, não é excluindo do pensamento racional o ato de comparação, nem buscando limitá-lo, mas, ao contrário, universalizando-o e dando-lhe assim sua mais pura forma. (FOUCALT, 1990, p. 67)

Se a atitude empírica estimulou os estudos fonéticos nesse período histórico, o racionalismo incentivou a produção de gramáticas filosóficas. Port Royal é exemplo desse fato. Os lógicos franceses Arnould e Lancelot (2001) dedicaram-se na elaboração da *Gramática de Port-Royal, ou Gramática Geral e Racional*, no século XVIII. Diferentemente das proposições de criar uma linguagem universal, nessa gramática os lógicos franceses explicavam o signo lingüístico como um recurso usado pelos homens para expressarem seus pensamentos, mas um signo constituído como signo pelo conhecimento.

Quando a lógica de Port Royal dizia que um signo podia ser inerente àquilo que ele designa ou dele separado, mostrava que o signo, na idade clássica, não é mais encarregado de tornar o mundo próximo de si e inerente às suas próprias formas, mas, ao contrário, de estendê-lo, de justapô-lo segundo uma superfície indefinidamente aberta e de prosseguir, a partir dele o desdobramento sem termo dos substitutos com os quais pensamos. (FOUCALT, 1990, p. 76).

Dessa forma, a questão da linguagem, colocada como representação, começa a ser questionada. A dissociação entre signo e semelhança, no começo do século XVIII, resulta de uma necessidade provocada pelas inovações no campo científico como as probabilidades, as análises, as combinatórias, o sistema e língua universal, que surgem como uma rede de elementos que vão se interligando.

Por um tempo o olhar para a linguagem se direciona (novamente) para a sua origem. O homem já não crê no mito da dimensão mágica e religiosa da palavra, nem na potência criadora do verbo, mas fica fascinado pela possibilidade de desbabelizar, ou pelo menos encontrar a língua originadora de todas as línguas antes de Babel. É o tempo das gramáticas histórico-comparativas.

<sup>3</sup> Segundo Robins (1997, p. 88) “o empirismo, como doutrina filosófica, foi uma contribuição particularmente britânica. [...] Locke, Berkeley e Hume escreveram o que hoje se considera como textos fundamentais dessa fase da filosofia”.

<sup>4</sup> Id ibid “Os racionalistas buscaram a certeza do conhecimento não nas impressões dos sentidos mas nas verdades irrefutáveis da razão humana”.

Tempo passa e Saussure institui a língua como sistema. Como o próprio sistema muda e tem história, a língua, sendo um sistema, muda também. Nesse sentido pensamos a representação lingüística saussureana como Ducrot:

Graças à linguagem, o pensamento se oferece assim em espetáculo para si mesmo e para outrem. Numa perspectiva que tal, a organização interna da língua tem toda a probabilidade de passar por um decalque – mais ou menos fiel – de uma realidade lógica ou psicológica. Por certo, a língua original podia talvez pintar seu objeto por meio de sua própria substância fônica; hoje, porém, em que a materialidade dos signos é grandemente arbitrária, é tão-somente a maneira por que são combinados que pode exprimir a coisa significada. Se a frase deve fornecer uma imagem de idéia, cumpre que sua organização tenha sido calcada sobre a de seu modelo. (DUCROT, 1971, p. 27).

Feitas essas considerações, vamos entendendo o processo pelo qual o conceito de representação tem-se modificado no decorrer da história. A representação do mundo/pensamento por meio da linguagem tornou-se impossível diante da constatação da arbitrariedade do signo, mas continua sendo interessante pesquisar seu funcionamento. Tentaremos fazer isso no discurso da microssérie “Hoje é dia de Maria”.

## 2 Dom Quixote de La Mancha e Dom Chico Chicote

D. Chico Chicote, como já dissemos, é um personagem da microssérie *Hoje é dia de Maria*, que nos lembra muito o personagem de Cervantes, D. Quixote<sup>5</sup>. O livro *El ingenioso hidalgo Don Quixote de La Mancha* apareceu quando o mundo passava por um período de grande mudança. Os escritores ficcionistas desse período buscavam a diversidade e a inovação na forma de escrever.

Os romances de cavalaria, famosos no período, estavam perdendo a popularidade e Cervantes os parodia de forma invulgar. Satirizando os preceitos existentes nas fantasiosas histórias dos heróis da cavalaria, apresenta sua obra sob a forma de novela realista.

Resumidamente, a novela narra a história de Dom Alonso Quixano que, já com uma certa idade, lia muito os romances de cavalaria e, perdendo o juízo, começa a acreditar que os fatos narrados tenham sido historicamente verdadeiros. Vem-lhe então a idéia de tornar-se um cavaleiro andante. Muda seu nome para Dom Quixote de la Mancha, se veste com uma armadura e monta em um velho pangaré, batizado de Rocinante. Sai pelo mundo afora em companhia de Sancho Pança, seu fiel amigo e companheiro, que tem um perfil mais realista. Assim, experimenta o seu próprio romance de cavalaria. Idealiza uma camponesa a quem dá o nome de Dulcinea del Toboso, suposta dama de alta nobreza, a quem dedica seu amor.

Na microssérie, D. Chico Chicote é um personagem que aparece na segunda jornada e tem sua composição visual (de maquiagem à criação do figurino) inspirada na obra do italiano Giuseppe Arcimboldo, em 1566: “The Librarian”.

Seu nome<sup>6</sup> pode ter sido inspirado no coronel Francisco Lucena, conhecido como Chico Chicote, que foi fuzilado em 1927 pelas forças policiais dos estados do Ceará, Pernambuco e Paraíba. Contrariamente ao Chico Chicote da história do cangaço, Dom Chico Chicote de *Hoje é dia de Maria* é imbuído de ideais cavaleirescos de amor, de paz e de justiça. Na *Terra dos Sonhos* encontra-se com a menina Maria e junto dela vive uma história de esperança consolidada em uma forte amizade que os une contra a maldade do mundo. Morador das ruas, luta pela poesia, pelo amor e pelo direito de sonhar. Tem o desejo de voar, livre como sua imaginação. Chico Chicote se apaixona perdidamente pela corajosa Alonsa, a quem chama de Rosicler.

## 3 Análise

Dom Chico Chicote entra em cena no final da primeira parte do segundo episódio chamado “A cidade”. Depois de correr dos dois Asmodeus: Cartola e Piteira, Maria corre em uma viela próxima à

<sup>5</sup> Dom Quixote de La Mancha: escrito pelo escritor espanhol Miguel de Cervantes y Saavedra (1547-1616). É composto por 126 capítulos, divididos em duas partes: a primeira surgida em 1605 e a outra em 1615.

<sup>6</sup> Na página 560 do livro Dom Chico Chicote diz (dos corvos): [...] Vieram bicar minha carne magra de sertanejo. Daí fazemos relação com Chico Chicote, cujo nome verdadeiro era Francisco Lucena, um daqueles valentões típicos da sociedade sertaneja nos idos de 1920, no sul do Ceará. Segundo Abelardo Montenegro, autor da “*História do Cangaceirismo no Ceará*”, Chico Chicote não era propriamente um cangaceiro, mas, pela insolência e coragem confundiam-no com os bandoleiros encouraçados que infestavam o vale do Cariri e o alto sertão de Pernambuco e Paraíba, que faz fronteira com o Ceará. Chico Chicote pertencia a uma das mais antigas e tradicionais famílias de Brejo dos Santos.

estação rodoviária. Vira uma esquina, para despistá-los e sobe em um monte de escombros ali deixados. Eram trastes velhos, restos de móveis, eletrodomésticos imprestáveis. Ali ela se esconde e os dois Asmodeus passam direto. Recostada em uma velha e enferrujada geladeira, Maria suspira aliviada, fecha os olhos e começa a rezar. Nossa Senhora aparece e embala o sono da menina. De repente Maria é acordada por batidas e uma voz vinda de dentro da geladeira: “*Ei! Me deixem sair! Quem é o ser incauto e temerário que se atreve a invadir minha morada? Aqui cheguei primeiro. Quem és tu. Estrangeiro? Responde ou arcarás com as conseqüências da minha fúria! ou eu o desafio para um duelo singular até a morte! Quem és tu estrangeiro?*”. Maria levanta-se da porta da geladeira e afasta-se, assustada. Um homem magro, vestido com trajes semelhante a uma armadura, sai da geladeira e se apresenta: “*Oh! Perdoe a impertinência de perturbar vosso sono, linda criança! Sou Dom Chico Chicote, cavaleiro da mais nobre estirpe, nobreza conquistada em muitas e gloriosas lutas!*” Faz reverências e diz: “*Ao seu dispor! Nas horas vagas sou inventor de máquinas de fino engenho e um servidor dos sonhos, do amor e da poesia!*”.

Conhecedores de Dom Quixote, ou leitores de meros resumos/adaptações da obra, visualizam mentalmente nessa descrição e nessas palavras a figura do fidalgo cavaleiro de Cervantes. O que possibilita essa relação? Como uma figura do gênero da literatura de ficção do início do modernismo pode ser representada em um texto televisivo? Que mecanismos linguísticos nos possibilitam fazer uma representação?

Para Charaudeau e Maingueneau (2004) a noção de representação está, de acordo com o filósofo e semiólogo Marin, ligada à noção de interdiscursividade e à noção de dialogismo de Bakhtin. De nossa parte consideramos estar ligada, também, à história e à memória.

O que há no interdiscurso no texto de apresentação de Dom Chico Chicote que nos conduz a vê-lo representando Dom Quixote? Primeiramente pensamos na sua figura. Cervantes (p. 26, 2005) apresenta Dom Quixote da seguinte forma: “*Orçava na idade o nosso fidalgo pelos cinquenta anos. Era rijo de compleição, seco de carnes, enxuto de rosto, madrugador, e amigo da caça*”. E depois (p. 72) “*aquela despropositada figura, com arranjos tão disparatados como eram os aparelhos, as armas, lança, adarga, e corsolete*”.

Abreu e Carvalho (2005, p. 438) apresentam Dom Chico Chicote nos seguintes termos: “*A porta da geladeira se abre e revela um homem magro, cuja roupa parece uma armadura de tanto penduricalhos*”. [...] *Sou Dom Chico Chicote, cavaleiro da mais nobre estirpe, nobreza conquistada em muitas e gloriosas lutas!*”. No entanto, em sua cabeça<sup>7</sup> crescem páginas de livro, como na pintura de Arcimboldo, provavelmente para sinalizar o fato de Dom Quixote ter decidido ser um cavaleiro como os heróis dos tantos livros que lia.

Pensamos também no que diz ser e em sua forma de se expressar. No seu palavreado à moda de Dom Quixote: “*Oh! Perdoe a impertinência de perturbar vosso sono, linda criança! Sou Dom Chico Chicote, cavaleiro da mais alta estirpe, nobreza conquistada em muitas gloriosas lutas!*” (p. 438)

Freud (apud Rudge, 1998, p.81) que inicialmente considera a representação como a reprodução da percepção e, posteriormente, muda sua forma de pensar dizendo que “a oposição entre subjetivo e objetivo não existe desde o início”. Para o psicanalista a linguagem funcionaria como condição da representação e além da linguagem, a pulsão é introduzida como condição prioritária da atividade do sujeito na constituição das representações. Nesse sentido, o representado é a pulsão. Nem a palavra, nem a coisa, mas a pulsão. Depreendemos, em nossas leituras a esse respeito, que a pulsão pode ser compreendida como o que é estabelecido entre o mental e o somático, como representante psíquico dos estímulos originados dentro do corpo que chegam à mente, no sentido de fazê-la trabalhar devido a sua ligação com o corpo. Assim, podemos entender que as correlações que fazemos entre um e outro personagem podem ser produto das representações construídas pelos nossos sentidos pulsionais.

Outro aspecto que podemos destacar para falar de representação vem da observação do discurso das obras. Em Cervantes podemos observar desconstruções acerca das verdades. Khalil (2001, p.45), observando o caso do narrador de Dom Quixote, afirma que “*Cervantes sugere-nos que a verdade depende de um ponto de vista de um sujeito e que um mesmo sujeito detém sobre um mesmo objeto (ou sobre outro sujeito) visões diversificadas. Cada homem tece a sua verdade, ou melhor, suas verdades [...]*”. Também em relação ao gênero, observamos uma desconstrução no gênero típico

<sup>7</sup> A figuração da personagem foi inspirada na obra do italiano Giuseppe Arcimboldo, em 1566: “The Librarian”

dos romances de cavalaria e uma construção inovadora do aspecto formal do romance, uma vez que Cervantes parodia as novelas, faz humor dos causos da cavalaria e coloca no texto tantas vozes narradoras e autorais que em nenhum texto anteriormente houvera.

Dom Chico Chicote entra na história de Maria como um personagem inventor de máquinas e “servidor dos sonhos, do amor e da poesia” (ABREU E CARVALHO, 2005, p. 438). No seu discurso o altruísmo e a esperança humanista revelam a poesia do texto. Representa Dom Quixote de La Mancha, mas seu discurso distancia-se desse pelo modo de produção e pela sua historicidade.

Em hoje é dia de Maria não há o escudeiro Sancho Pança. É a menina Maria que acompanha Dom Chico Chicote em suas andanças. A pedido da narradora da história, o cavaleiro põe-se a cuidar da menina e cria, como Dom Quixote, um mundo imaginário. Embora trate a fome como necessidade que pode ser saciada com a imaginação, seu mundo não é o mundo quixotesco, com aventuras cavaleirescas. No mundo de Dom Chico Chicote, voar é preciso. Não apenas no sonho poético, mas também na realização pessoal e ideológica.

O retorno do “dito” pode ser verificado em um episódio acontecido na rua. Como se lutasse contra os carros que passam na avenida em que tenta alçar vôo com sua maquinaria, brada: “*Um dia mostro a vocês que tudo que é sólido se desmancha no ar*”. Essa fala, relacionada ao que escreveu Karl Marx e Friedrich Engels em seu Manifesto comunista, não é mera repetição:

Todas as relações firmes, sólidas, com sua série de preconceitos e opiniões antigas e veneráveis foram varridas; todas as novas (relações) tornaram-se antiquadas antes que pudessem a se ossificar. Tudo que é sólido desmancha no ar, tudo que é sagrado é profano, e os homens são por fim compelidos a enfrentar de modo sensato suas condições reais de vida e suas relações com seus semelhantes. (1998, p. 14)<sup>8</sup>.

Marx, não trata de aviões, certamente. Fala de ideologias, formas de governo e modos de produção que sempre existiam e que tendenciosamente teimam em perpetuar, naturalmente, o ciclo histórico. Dom Chico Chicote fala da sua máquina que a todos parece impossível alçar vôo, mas para ele é algo possível de se realizar. O “dito-não-dito” pela linguagem que sempre retorna, mas que jamais é a mesma.

Outro aspecto desse mesmo episódio refere-se ao fato da mudança do Rocinante (pangaré de Dom Quixote) pela máquina que voa como meio de locomoção. Vemos aí que a representação discursiva das personagens muda, não só de história como também de ideologia, pois entramos em uma era em que o capitalismo quixotesco sai do romantismo e se instala, com toda a parafernália das máquinas na pós modernidade. Ao mesmo tempo, podemos dizer que a obra de Cervantes também desmancha as certezas sólidas de seu tempo, o sagrado se torna profano porque o mundo não é o mesmo, não está mais restrito às verdades construídas pela igreja. Talvez, também por essas características, seja considerado o primeiro romance moderno.

Na seqüência, quando Maria vê o policiais levarem a lavadeira, a quem toma por Nossa Senhora Aparecida, diz que não quer mais viver num mundo que não respeita nem o que é sagrado, Dom Chico Chicote responde: *Oh! Meu lindo coração de seda! É neste mundo que temos de plantar, é neste chão batido, é no coração deste asfalto que florescerão os nossos desejos! A obra é grande, mas o velho sonho humano não morrerá jamais! Sim! Coragem, ó minha doce pequena Maria, que o mundo não é esse que vês. O mundo ainda está por ser feito!* (p.467).<sup>9</sup>

Vemos nesse excerto Dom Chico Chicote (principalmente na parte sublinhada) representando o discurso de Cervantes sobre a desconstrução do mundo medieval, que, como dissemos anteriormente, começa a ver que o mundo não é centralizado, os sistemas não são totalizados, nem hierarquizados e fechados como até então se acreditava.

No que tange à questão do coração, podemos fazer um paralelo entre Aldonça Lourenço, amada de Dom Quixote que se torna Dulcinéia del Toboso para o cavaleiro errante; e Alonsa, moça parecida com uma cigana oriental, devido suas vestes coloridas e adornos por quem Dom Chico Chicote se apaixona e passa a chamá-la Rosicler. Diferentemente de Dom Quixote, que tem um amor platônico, criado pela personagem para melhor identificar-se com as personagens das histórias de cavalaria, Dom Chico Chicote se declara à sua amada, mesmo sendo de início rejeitado. Também aí verificamos a distância existente entre um fato que antecedeu e outro que o precedeu representando-o. Mostra-nos, Dom Chico Chicote, a possibilidade do amor. O amante já não esconde seu afeto pela amada, pelo contrário, tornar público seu sentimento e demonstrá-lo constitui a identidade do homem

<sup>8</sup> Sublinhado por nós.

<sup>9</sup> Sublinhado por nós.

pós-moderno, que vê a mulher como igual e não como um ser inferior que deva ser subjogado. Não mais ter um amor imaginário para expor, mas um amor real.

Recorremos a Marin, que trabalha com a historicidade e descontinuidade dos funcionamentos simbólicos observando as heterogeneidades discursivas, para encerrarmos nossa análise acerca da imagem construída de Dom Chico Chicote a partir de Dom Quixote.

É nessa fragilidade do visível dos textos - 'visível' que é no entanto seu objeto – os textos assim glosados e entreglosados resgatam, por essa estranha referencialidade, uma capacidade renovada de abordagem da imagem e de seus poderes, como se a escritura e seus poderes específicos se encontrassem excitados e exaltados por esse objeto que se ocultasse necessariamente, por sua heterogeneidade semiótica, por sua onipotente influência; como se o desejo de escritura (da imagem) tentasse se realizar 'imaginariamente' deportando-se fora da linguagem, no que, sob muitos aspectos, constitui seu verso ou seu outro, a imagem. (MARIN, apud CHARTIER, 2002, p. 175).

No intuito de discutirmos o conceito de representação, tentamos mostrar os poderes representativos estabelecidos nas opacidades discursivas dos textos e das imagens que deles fazemos.

### Conclusão

O conceito de representação, desde a Idade Média, com Tomás de Aquino, até o pós-modernismo, apresenta-se como sinônimo de signo, função sónica. Em "As palavras e as coisas" (1990), Foucault nos mostra que já na Idade Média não se acreditava no caráter ou possibilidade da semelhança do objeto no mundo etiquetada no signo. Se havia um fundamento na razão lógica do sistema de representação, no modernismo uma nova razão é estabelecida, a razão do julgamento.

Dessa forma, a representação linguística se torna comum para toda forma de expressão (científica ou cultural) resultando em uma nova tecnologia de subordinação e de produção de verdade. A ciência lingüística passa a determinar a ordem das coisas, produz uma nova hierarquia e uma forma de regulação da sociedade e de compreensão das relações.

Neste trabalho, não nos referimos à questão do signo definida por Saussure como "união de um significado e um significante". Com Foucault entendemos que os pontos de referência e valorização do signo não se encontram no interior dos signos, mas no seu exterior. A linguagem, para nós, não mais integra ou explica o mundo, mas se encontra dissociada da representação, produzindo o "desaparecimento do discurso" e a dissociação entre a linguagem (a palavra) e a representação. A palavra, falando, faz com que o discurso, composto e presente em si, fale também.

### Referências

- ABREU, L.A.; CARVALHO, L. F. *Hoje é dia de Maria*. (da obra de Carlos Alberto Soffredine). São Paulo: Globo, 2005.
- ARNAULD, A.; LANCELOT, C. *Gramática de Port Royal*. São Paulo: Martins Fontes. 2 ed. 2001.
- CERVANTES, M, de. (1605) *D. Quixote de La Mancha*. [www.ebooksbrasil.com](http://www.ebooksbrasil.com)  
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eb00008a.pdf>
- CHARADEAL, P. ; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CHARTIER, R. *À beira da falésia: a história entre as certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 2002.
- DUCROT, O. *Estruturalismo e Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1991.
- DUROZOI, G.; ROUSSEL, A. *Dicionário de Filosofia*. Campinas: Papyrus, 1993.
- ENCICLOPÉDIA SIMPOZIO  
[www.cfh.ufsc.br/~simposio/megaestetica/estetica\\_literaria/apresenta.htm](http://www.cfh.ufsc.br/~simposio/megaestetica/estetica_literaria/apresenta.htm) (acessado em 15/07/2009)
- FOUCAULT, M. Representar. In.: *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins, 1990. (p. 61-91)
- GUSDORF, G. *A palavra*. Lisboa: Edições 70, s.d.
- KHALIL, M. G. As múltiplas vozes autorais em Dom Quixote. In: GREGOLIN, M. R.; CRUVINEL, M. F.; \_\_\_\_\_. (ORG.) *Análise do Discurso: entornos do sentido*. Araraquara: Unesp, 2001.
- KOYRÉ, A. *Do mundo fechado ao universo infinito*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. *Sintaxe gerativa do português*. Belo Horizonte: Belo Horizonte, 1986.
- MARX, K.; ENGELS, F. *O Manifesto Comunista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra,

1998.

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROBINS, R. H. *Pequena História da Lingüística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

RUDGE, A. M. *Pulsão e linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1981.